

## MEU IRMÃO LIVRO

Era uma vez...

um LIVRO que nasceu com palavras pequeninas, como ele.

Foi baptizado por João de Deus com o nome de “Cartilha Maternal” e dedicar-lhe-ei sempre o mesmo carinho com que me ensinou a ler as primeiras palavrinhas:

ai ui eu ia

Os dois, o LIVRO e eu, fomos crescendo como irmãos. Ele ia vestindo outras capas e eu deixando crescer as tranças.

Neste decorrer, fui ficando amiga do *Capuchinho Vermelho*, da *Branca de Neve*, da *Carochinha*, dos *Três Porquinhos*... histórias que a minha mãe me lia, porque eu ainda não sabia juntar as letras todas, mas via muitas vezes os bonecos e sabia contá-las de cor.

Porém, quando chegou a *Maria Tonta* da “Colecção Carochinha”, com a sua carinha redonda e corada, aí sim, já sabia ler, e até lia muitas vezes aquela parte em que ela dizia *ocalitros* em vez de eucaliptos, e eu ria muito.

Depois chegaram as princesas com seus vestidos compridos de balão e folhos, que beijavam um sapo que se transformaria num príncipe, e aquelas pastoras muito bonitas que outros príncipes escolhiam para suas noivas, e eu via naquelas páginas como todos viviam felizes para sempre dentro dum coração florido.

la eu neste embalo, quando apanho um grande susto! Tal, que nem o monstro extravagante de “A Bela e o Monstro” me pregou! Eu, que tinha muito medo de papões, apanhei de repente com o *Barba Azul* no seu castelo sinistro, a meter-me ainda mais medo. Trata-se de um mito sobre segredos escondidos e fraquezas inconfessáveis, escrito pela primeira vez em 1697 por Charles Perrault, tendo sido repetido através dos tempos com algumas variantes.

Passado este mau bocado, o meu querido LIVRO optou por me apresentar a Colecção “Os Cinco” de Enid Blyton, com histórias de aventuras muitas vezes misteriosas, passadas com quatro jovens e o seu cão *Tim*, nas quais eu sonhava participar.

Até que um dia me ofereceu uma obra muito séria intitulada “As Vinhas da Ira” escrita por John Steinbeck. Uma história violenta, passada nos anos 30, que conta o êxodo de uma família de Oklaoma para a Califórnia, em condições desesperadas, quando a Grande Depressão na América associada a um desastre ecológico assolaram o país.

Logo a seguir, ao procurar outra obra do mesmo autor, encontrei “A Pérola”. Uma história mexicana sobre um casal com um filho doente e sem dinheiro para o curar, quando uma valiosa pérola, encontrada e desejada para um final feliz, acaba por me revelar as grandezas e as misérias do mundo em que vivemos.

E o meu irmão LIVRO destinava-me agora obras que não precisavam de ilustração, porque as suas imagens e emoções estavam todas por dentro das palavras.

Deu-me a ler histórias verdadeiras, daqueles abnegados médicos que andavam pelas aldeias do interior a oferecer consultas a quem não tinha meios, e a sarar-lhes as feridas do corpo e da alma; histórias como as que foram contadas na primeira pessoa por Fernando Namora em “Retalhos da Vida de um Médico”.

Trouxe-me do Brasil livros que me hão-de enternecer para sempre. Lembro “O meu Pé de Laranja Lima” e “Rosinha Minha Canoa”, ambos de José Mauro de Vasconcelos.

Deslumbrou-me com o poeta José Gomes Ferreira, meu para sempre, com a sua poesia e obras como “As Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo”, além daquela sua frase que trago no coração

*O Céu ao menos não tem muros, e as aves não riscam fronteiras  
nem poem vidros partidos nas nuvens.*

Bem haja, Zé Gomes!

Mas não ficaria descansada se aqui não deixasse também registado, com amor, o nome do poeta Eugénio de Andrade, esse amigo de mesa de cabeceira.

Ah... E quando o meu LIVRO me leu “Os Bichos” de Miguel Torga?! Doeu-me forte. Uma obra que todos deveríamos ler para melhor compreendermos os nossos animais.

E naqueles momentos em que parece que adivinhamos... houve um dia em que suspeitei que o meu LIVRO se aventurara pelos infinitos céus.

Decerto voou com Antoine de Saint Exupery porque me veio contar, com palavras mágicas, a história de “O Príncipezinho”, do seu planeta e da sua rosa, uma história que continuará a atravessar gerações, nascida talvez durante os vôos deste piloto. Uma obra infantil-para-adultos, rica em simbolismo, de onde sobressaem frases tais como:

*Só se vê bem com o coração.*

*O essencial é invisível para os olhos.*

Contou-me depois, num ímpeto de liberdade, a fábula de “Fernão Capelo Gaivota” que nos ensina a não desistir dos sonhos. Uma gaivota que deslumbrada com a beleza do vôo, viaja no espaço-tempo em ascensão ao conhecimento.

E falou-me em Luís Sepúlveda que escreveu uma história fantástica em “Uma Gaivota e o Gato que a ensinou a voar”.

Ainda, sem esgotar as palavras mágicas e com ilustrações inesquecíveis, me fez a surpresa de “Alice no País das Maravilhas”, com o seu *Coelho Branco* sempre atrasado, o *Chapeleiro Louco*, a cruel *Rainha de Copas*... tudo na envolvimento de um mundo surpreendente.

Ai, este meu irmão LIVRO, o que ele passou comigo! Porque também lhe fiz maldades. Às vezes eu com sono, a gostar muito das suas palavras e teimando na leitura de mais uma página, deixava descer inconscientemente as pálpebras, escorregando ele, sem eu dar por isso, até à dobra do lençol ou mesmo até ao tapete, e ali ficava ao frio até eu acordar em sobressalto para o arrumar e apagar a luz.

Mas não havia sono que me impedisse um bom sorriso ao ler Millor Fernandes, aquele autor brasileiro que me obrigou a recitar os seus poemas tão divertidos e determinados. E os anos passaram, e por mim passaram também outras obras daquelas que muito mais tarde temos-a-certeza-de-ter-lido:

Ouvi os discursos de Tuiavii, reunidos por Erich Sheurmann numa obra denominada “Papalagui” sobre o homem branco e as suas incompreensíveis ambiguidades. Tuiavii era um chefe índio de uma tribo americana dos Mares do Sul;

percebi também como as personagens da Paixão de Cristo se perpetuam e se voltam a cruzar de geração em geração, em “Cristo Recrucificado” de Níkos Kazantzákis;

acompanhei a história de sobrevivência daquele grupo de rapazes que escapou por milagre num desastre de avião caído numa ilha deserta, em “O Deus das Moscas” de William Golding;

entrei na realidade da escravatura nos Estados Unidos em “A Cabana do Pai Tomás” de Harriet Beecher;

e um dia tentei imaginar-me a acordar transformada num insecto gigantesco, tal como Kafka vestiu a sua personagem em “Metamorfose” para descrever Gregório, um homem igual a outros, mas excluído do sistema e isolado do seu meio.

E quem não conhece, mesmo só de ouvir falar, a história verídica contada em “Diário de Anne Frank”, aquela menina alemã de origem judaica que viveu num esconderijo durante a 2ª Guerra Mundial?

Obras que muitos de nós recordamos, além de outras menos presentes.

Eu e o meu irmão LIVRO brincávamos, saltávamos capítulos, voltávamos atrás, interrompíamos obras para começar outras, e eis que me vem à memória, de rompante, o romance “Os Capitães da Areia”, onde Jorge Amado tão bem descreveu os desafios gritantes de um grupo de meninos da rua, não só violentos como ingénuos.

E que dizer da aproximação a José Saramago, a Mia Couto, a Ondjaki, a Paulina Chiziane, escritores que me prendem em todas, e em cada uma, das suas palavras.

E perdoe-me o nosso especialíssimo Eça de Queiroz de ainda não lhe ter prestado a devida homenagem.

E vá lá saber-se a razão da nossa mente trazer mais ao de cima uns autores do que outros!? São mistérios... misteriosamente secretos.

E assim, aqui deixo muitas sugestões de leitura na esperança de suscitar curiosidades.

Encerro este capítulo, e agora nós dois, O LIVRO e eu, de mãos dadas, iremos continuar o percurso em busca dos insondáveis segredos de Fernando Pessoa, e teremos muito trabalho pela frente.

.....

Mas o propósito deste texto era escolher um Livro, e um só, que por algum motivo especial me tenha atraído, ou... até acompanhado nas férias, como foi o caso! E escolhi um do qual ainda não falei.

É que nas minhas longas férias de verões antigos, que duravam uma eternidade, havia sempre três semanas passadas na Beira Baixa, numa aldeia pequenina chamada Verdelhos, pertencente à freguesia da Sertã.

Naquela altura, anos 50, o serão era todos os dias uma bonita pausa de reunião familiar num doce aconchego de conversa, em que os miúdos por ali cirandavam em brincadeiras e risos.

Eu fazia parte desses miúdos, com os meus 11 anitos, e partilhava as ditas férias com um dos meus primos preferidos, o Zeca, quando combinámos os dois ensaiar um teatro para apresentar à família.

Como estávamos na idade de rir por tudo e por nada, e naquelas férias andávamos muito divertidos com “As Lições do Tonecas”, que líamos alto para nos rirmos ainda mais, nada melhor do que escolhermos esse Livro para guião da nossa peça; fazendo eu de Professor e ele, mais pequeno, de menino Tonecas. Vinha mesmo a calhar, já que éramos dois.

Os planos, combinados entre segredos de mão na boca, e boca na orelha do outro para que nada transparecesse, eram para nós, por si só, uma brincadeira muito feliz.

- *Meninos, que segredinhos são esses?* – perguntavam.

- *Não podemos dizer!* – era a resposta.

Hei-de lembrar sempre os nossos ensaios às escondidas, num extremo exagero, não fosse a surpresa ficar estilhaçada.

E quando anunciámos o inesperado evento, logo a família se mostrou entusiasmada em ver o que estes dois diabretes tinham preparado, e toda a divisão da casa se transformou em sala de espectáculo, onde o espaço para palco foi preenchido com duas mesinhas, duas cadeiras, um quadro de xisto improvisado com uma moldura coberta por um pano preto, e um galho comprido a fazer de ponteiro. Era a sala de aula.

E, após as três pancadas de Molière... entrou o Professor com a bata quase até aos pés, o chapéu por lá encontrado no sótão que lhe escondia o cabelo comprido, e o bigode desenhado com rolha queimada, o que gerou animados e barulhentos risos; logo seguidos de outra ovação com a entrada atabalhoada do Tonecas que trazia a boina às três pancadas, a cara pintalgada de sardas, um grande penso no joelho e uma sacola achada na eira, ainda cheia de palhas.

Daí em diante, entusiasmados com a cumplicidade afectiva deste público que nos convencia de bom desempenho, o qual, claro, só valia pela graça da inexperiência e de uma alegria ingénua, estes dois artistas deram a comicidade possível ao humor que José de Oliveira Cosme imprimiu ao seu texto.

A peça decorreu entre um aluno que nunca sabia a lição, mas que tinha sempre na ponta da língua as respostas mais disparatadas, e um professor rigoroso, dotado de uma paciência infinita para o aturar. Além de não estudar, o Tonecas chegava quase sempre atrasado à aula porque lhe aconteciam todos os dias os mais inopinados acidentes.

E foi assim que desde aquele Verão de 1955 o Livro “As Lições do Tonecas”, escrito por José de Oliveira Cosme, ganhou lugar de destaque na estante dos meus afectos, sendo muitas vezes recordado em conversas de família, quando vêm à baila as antigas férias passadas em Verdelhos.

.....

Por tudo que disse e pelo que não cheguei a dizer, o LIVRO será sempre um companheiro de todas as horas, um professor que nos faz reflectir, que nos delicia e nos leva por vezes às lágrimas e também aos risos; e pode entrar nas nossas vidas do mesmo modo que um amigo nos apresenta outro, ou apenas por qualquer empatia circunstancial ou simples curiosidade.

O LIVRO é também um viajante sem fronteiras, gerador de amizades por onde passa.

O LIVRO será eterno.

*Teresa Sarzedas  
Fev. 2021*

***Nota: Este texto não foi escrito segundo o Novo Acordo Ortográfico.***

AS  
DA IRA  
PRÊMIO PULITZER  
II EDIÇÃO

BICHOS

AREIA

A Grande Op  
Béla Bartók  
O CASTELO  
DE BARBA AZ

JOÃO DE DEUS  
CARTILHA MATERNAL  
PRIMEIRA PARTE

MILLÔR FERNA  
PAPÁVER  
MILLÔ

O PAPALAGUI  
discursos de tuiavii  
chefe de tribo de tiavéa  
nos mares do sul

José Mauro  
de Vasconcelos  
Meu Pé  
e Laranja Lim

Jose de Oliveira Cosme  
as lições  
do tonecas  
DIALOGOS HUMORÍSTICOS

José Sa  
Ensaio  
a Cegue  
Romance



ANTOINE DE S  
O Principi  
com aguarelas do autor

RICHARD BACH  
A HISTÓRIA  
DE  
FERNÃO  
CAPELO

JOSÉ GOMES  
FERREIRA